

Sem apoio da Funai, índios recorrem a 'inimigos'

Ianomâmis fogem da miséria trabalhando para os garimpeiros

Expedito Perónnico

BOA VISTA — Na região do Paapiú — pista de pouso que serve de base ao garimpo, 280 quilômetros a oeste de Boa Vista —, é possível flagrar a trágica situação dos índios ianomâmis. Há mais de dois anos, 600 índios ali residentes não recebem qualquer auxílio da Funai. Como consequência, todos adoeceram de malária, gripe, verminose e oncocercose (doença transmitida pelo mosquito pium, comum na Amazônia, que provoca cegueira). Mesmo os garimpeiros, tradicionalmente considerados inimigos dos ianomâmis, comovem-se com o quadro de miséria ali observado, e, diante da total omissão da Funai, chegam a representar a única alternativa de ajuda aos índios.

O pior mal que ataca os índios, entretanto, é a fome, que atinge, principalmente, crianças e velhos. Nas reservas de Surucucu e Xiriana, a situação de miséria não é diferente. Ao menor sinal de presença do homem branco, o índio não se inibe em pedir comida: "Barriga morreu, comida *brokher*." Traduzido pelo líder ianomâmi João David: "O índio está com fome, não tem comida."

Como o próprio Ministério da Justiça reconheceu em relatório que o atendimento da Funai é precário, tanto na área de saúde quanto na de educação, a alternativa do povo ianomâmi é se empregar na extração do ouro e trabalhar como guardião das pistas — cobrando atualmente NCz\$ 100 por cada pouso — para garantir comida e remédio.

"São poucos os garimpeiros que não se dispõem a ajudar o índio. Se ele quer comida, nós damos comida. O índio é nosso irmão", diz o garimpeiro maranhense João Ubaldo, o *Pernalonga*, dono de cantina em Paapiú.

A situação de fome dos índios é confirmada por funcionários da Funai: "Eles não saem mais das aldeias em busca de alimentos. O índio está desanimado pela falta de apoio do governo. Acho que ele entrou em um processo de autofagia, começou a destruir-se silenciosamente, porque já não caça, não pesca e não planta a roça", disse um médico da Funai que chegou a Paapiú, quarta-feira passada.

Os garimpeiros se defendem da acusação de que ajudam a dizimar as tribos, por causa da poluição do ambiente: "Isso tudo é bobagem. O que existe por trás das mentiras sobre o garimpo



Paapiú, RR — Fotos de Carlos Mesquita

Televisão e refrigerantes ajudam a passar o tempo nas aldeias



Crianças reclamam da fome

de Roraima são os interesses das grandes mineradoras que, usando o índio como pretexto, acusam a garimpagem rasa e manual de estar poluindo a Amazônia e ajudando a dizimar o índio", argumenta o empresário José Altino Machado, fundador da União dos Sindicatos e Associações de Garimpeiros da Amazônia Legal (Usagal). "A doença que está levando o índio à morte é a fome e a falta de assistência do governo", completa.

Na sexta-feira passada, a imprensa chegou a noticiar a morte de cinco índios em confronto com os garimpeiros, mas o fato foi desmentido. O superintendente da Polícia Federal em Roraima, Ronaldo Glauco, negou que tenha sobrevoado a área de Surucucu, para averiguar o suposto conflito. Nada foi constatado ainda.

Minerador defende ajuda e trabalho para tribos

Entre os homens brancos que procuram ajudar os índios de Paapiú, em Roraima, está o gaúcho Elton Rohnelt, dono da mineradora Gold Mazon, que lidera 45 mil garimpeiros e, em 15 anos de selva, acumulou patrimônio avaliado em US\$ 20 milhões. "Nós invadimos as terras dos índios, por isso somos obrigados a preservá-los e buscar melhor padrão de vida para eles", defende Elton.

A proposta de Elton é integrar o índio à comunidade pelo trabalho: "Se nós, brancos, evoluímos, por que não deixar o índio evoluir também?", pergunta, para, em seguida, atacar a Funai. "Eles já não têm mais o que comer, pois a caça se foi e o peixe não existe mais. A Funai e a Igreja não fazem nada para ajudar. Querem apenas que eles fiquem onde e como estão. É impossível hoje manter o índio no isolamento. É certo que eles têm que ser mantidos na selva e em suas aldeias, mas com assistência médica e comida", argumenta.

Elton Rohnelt diz que vai lutar até o fim contra a intervenção estrangeira na Amazônia — "até pegar em armas se houver necessidade". "Os estrangeiros querem que sejamos porteiros de zoológico para servi-los toda vez que tiverem vontade de fazer uma visita a aldeia indígena e tirar fotografias de índias peladas. Isso é uma infâmia. O índio não pode ser tratado como imbecil, como animal", acusa.

Considerado por muitos como o *rei da selva*, Elton se diz um profissional da floresta: "A Amazônia não perdoa os amadores. O importante é cumprir a missão, o que não vêm fazendo os organismos federais em relação ao índio", afirma.

Indignado com a miséria que vê à sua volta, Elton faz um alerta: "A retirada do homem branco da região vai acelerar o processo de dizimação dos índios. É preciso melhorar urgentemente o padrão de vida dos ianomâmis, se não o genocídio será inevitável e acontecerá em menos tempo do que se espera. Nós, os garimpeiros, é que temos que ajudar. O amor dos ecologistas é platônico, pois eles nunca estão presentes quando a causa exige esforço e dinheiro."